



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Propriedade da OBRA DA RUA — Director e Editor: PADRE CARLOS Ano XIV — N.º 350 — Preço 1\$00
Redacção e Administração; Comp. e Imp.: Casa do Gaiato - Paço de Sousa 10 DE AGOSTO DE 1957

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Tem sido um corropio estas últimas semanas. Não há paragem. Ou casas entregues, ou casas a começar — o movimento alastra como o fogo em mato seco.

Eu falo só das Dioceses de Coimbra e Guarda para o norte e estou longe de esgotar toda a actividade nesta zona. Graças a Deus, já não há domingo em Portugal sem mais casas do Património! Que doce invasão, portadora de paz!

Em 9 de Junho, Boelhe de Penafiel viu a entrega das primeiras. Alijó foi na festa do Corpo de Cristo. Que lindas as duas casas! Que bem situadas! Alijó, de resto, é uma vila graciosa, mas tem as suas «nódoas negras» que eu vi. Aquelas duas casas são a pele nova que há-de crescer e em breve apagará todas as «negras».

Em Alijó, Pároco e vicentinos estão decididos. As autoridades civis dão as mãos. O seu hospital é um encanto. A sua cantina escolar é a Cantina-Mãe de quantas existem em Portugal. Depois, eu vi lágrimas nos olhos tanto dos

Pobres que deixaram a cortelha como dos vicentinos, fossem eles ou elas. Com lágrimas por adubo; com duas casas por semente; e corações cheios de vontade por terreno — quem duvida de que em Alijó vão ser «tantas quantas» as precisas?!

Na festa de Nossa Senhora da Livração a paróquia do mesmo nome aumentou o seu Património em quatro unidades. É impressionante esta associação às festas litúrgicas tradicionais, deste número da Caridade sempre renovada no seio da Santa Igreja.

Em S. Jacinto depois de duas, mais quatro foram entregues. Formam o bloco Pai Américo. O retrato vai aí. Ainda que o ideal seja a casa uni-familiar, nestas houve o cuidado de deixar independentes os acessos e os logradouros e assim se evitam muitas questões entre vizinhos. Porém, mais eficaz do que a separação dos acessos e logradouros é a presença do pároco, que não deixa passar dia sem uma ou duas visitas aos seus Pobres.

Amarante é das terras pioneiras do Património. Mal Pai Amé-

rico soltou a ideia vieram os amarantinos bebê-la e daí a pô-la em prática foi acto contínuo. Com as duas casas da Rua Pai Américo e mais as duas da freguesia da Madalena, construídas quase só pelo Colégio Diocesano da vila, fica Amarante nas 18 casas. Estas duas últimas, em encosta sobranceira à estrada de Vila Real, fazem um vistão. São de estilo modernista, talvez não de repetir naquele enquadramento, mas de verdade muito bem acabadas e cheias de ar e luz e panorama. Em Entre-os-Rios foram entregues três, recentemente. Depois da missa, a multidão segue processionalmente e são benzidas as casas e nelas entronizado o Sagrado Coração de Jesus. Uma fica escondida na povoação, mas as outras à beira da ponte nova, defronte ao Tâmega.

Em Moita da Anadia sabemos de quatro casas. Uns dias antes tinha sido em Carvalhosa — Paços de Ferreira a entrega da formosíssima casa dos «Frequentadores do Café Chave d'Ouro, do Porto». Ora aqui estão uns exemplares bebedores de café. A gente costuma pensar que estes são geralmente ociosos, matando o tempo. Porém no Chave d'Ouro transmuta-se o café em vida para os Pobres. Aquilo começou por pouquinho, logo a seguir à morte de Pai Américo. Fez-se a primeira casa, essa cuja fotografia aqui juntamos. E a brincar já se somaram cerca de 80 contos que vão render seus frutos em Gondomar. Se no Café Chave d'Ouro do Porto, porque não a mesma solidariedade em todos os Cafés de Portugal? Que sabor não deve ter o café naquele dito da Praça da Batalha!

O domingo passado foi em Calendário, de V. N. de Famalição. Nada menos de cinco casas situadas no alto dum monte sobre a vila. Almoçámos no Presbitério, uma casa pobre e antiga, precisada de obras de renovo.

Ao pé da Carvalhosa, na Vila e em Freamunde a fogueira já crepita. Esperamos ansiosos notícias de abrasamento.

Eu tenho pensado muitas vezes, cá com os meus botões, se haverá diferença entre a parquialidade da dita Residência e a de uma casa do Património dos Pobres. Em Calendário também se deve ter pensado o mesmo, que a Residência é pobre e velha e carecida de obras e eu vi cinco casas para Pobres naquele dia e na Paróquia já havia três.

— Continua na 4.ª página —



É uma carta de Pai Américo, datada do «dia de Natal de 47»

Trata de uma Liga dos Amigos da Casa do Gaiato, «à qual eu chamaria Os Namorados da Casa do Gaiato». E, recomendando ao destinatário que se aproxime de outros amigos interessados naquela empresa: «...ventilem pelo melhor... Troquem impressões», define qual deve ser o objectivo dominante daquela Liga.

Facetas

de uma Vida

«Na minha opinião, a Liga deveria ser mais extensiva à parte espiritual do que à material. Os fundos vêm sempre, na medida do preciso, e nunca falham, praticando nós a justiça. Não podem falhar. Eu desejava que os Namorados me auxiliassem em primeiro lugar na tarefa de colocar, aconselhar, orientar, prevenir o meu rapaz. Intercâmbio com os patrões. Os Namorados seriam do Porto. No Porto anda a flor da nossa obra. No Porto, os maiores riscos. Ali, a maior vigilância.

Depois, através da Casa do Gaiato e em nome dela, era também meu desejo que os Namorados, com a força de uma Liga, estudassem e se interessassem pelo problema da Criança em geral e em particular da das ruas. Era uma maneira salutar de se interessarem pelos seus próprios filhos. Sem cada um deixar os seus mistérios e até por causa deles, encherem a alma deste problema escaldante. Reunirem-se em conferências, a sério.

A desmoralização! A desmoralização de Menores!! Estou em riscos de fechar o Lar do Porto, por causa deste mal!! Tantas obras de fomento nacional se levam ao Parlamento, e é preciso que se levem mais, e estas obras? Que grande tarefa para os Namorados!

Foi possível em terra anglicana acabar com a porta aberta e nós nunca tentamos fazê-lo! Nós protegemos; as leis protegem, dizem que para evitar outros males! Ora a porta aberta é a facilidade. O rapaz entra. Habitua-se. Acha bem. Perverte-se e leva os outros a fazer na mesma. Que grande campo de acção para os namorados.

Ora vamos a ver do que é capaz uma Liga espiritual que se dedique ao cuidado «total» da Criança. Não quero que pensem somente na parte material. Isso é necessário, sim, mas não é o assunto primário. Há coisas mais sérias».

O homem de Fé. O homem da hierarquia rectamente estabelecida: «vale mais a alma do que o corpo».

«Os fundos vêm sempre... e nunca falham... Não podem falhar».

É o Senhor de tudo quanto é, quem está comprometido. «Primeiro, o Reino de Deus e a Sua Justiça. O resto vem por acréscimo». E Deus não engana. Portanto, «praticando nós a Justiça», os fundos «não podem falhar». Homem de Fé e por isso mesmo homem, que passou arrastando os outros à Fé. Afinal não é o mundo que está materializado. As massas permanecem abertas à atracção do espiritual. Estão mesmo sequiosas. E quando surge uma fonte sem inquinamento, acorrem como que «encantadas». «As águas vivas» de que Jesus falou à Samaritana no Poço de Jacob, só essas matam a sede. As massas sabem qual é a água que mata a sede. A espectacularidade de todos diante de Pai Américo, só ela é uma afirmação da «virulência» do espiritual na alma do Povo. Nele, não foi o homem

que atraiu e dominou. Foi o homem de Fé. O homem, esse passou inerte para outros homens quase quarenta anos dos seus sessenta e oito. Mas vinte e sete, apenas, de sacerdócio, vividos em explosão de Fé, bastaram para acordar e mover milhares e milhares de consciências ansiosas, que não sabiam dos seus anseios. E estes foram dizer que Deus é no Mundo e que Seu Reino é alargado.

Que saborosa para nós esta carta! Podermos pedir com ele, e por palavras suas, com a mesma urgência daquele dia de Natal de 47, «que os Namorados me auxiliassem em primeiro lugar na tarefa de colocar, aconselhar, orientar, prevenir o meu rapaz»!

Os padres da rua não são nem devem ser administradores. São pais. Têm de dar contas ao Pai Celeste das almas dos seus filhos. São as únicas contas que os fazem estremecer... apaixonadamente.

Que o mundo que nos ama tanto e nos ajuda tanto, saiba do motivo verdadeiro do seu amor por nós: Aqui é «Santuário de Almas».

Visado pela
Comissão de Censura



A um ano de distância, mais sentimos o calor das suas palavras. Pai Américo antes de ir pedir às praias e termas de Portugal, preparou assim os seus ouvintes:

«A maré cheia das nossas praias e termas começou. A todos quantos necessitam do benefício das águas por falta de saúde ou de benefício de repouso por excesso de trabalho, cordialmente desejo o melhor aproveitamento. A todos os sítios do costume hei-de ir ler a mensagem divina do primeiro mandamento e pedir a cada um a multa das suas férias. Não vais escutar o clássico conferente a ler as paútas do seu «trabalho magistral», como a imprensa costuma pôr no dia seguinte. Muito menos o famoso orador sagrado com sua estola de ouro sobre rendas preciosas. Vais ouvir «um pai de família» a pedir pão para os seus filhos — e isto basta. O êxito das obras sociais consiste no segredo divino de as tornar humanas».

«Vou pedir por essas praias e termas. Vou falar na obra da minha devoção. Compreen-

do que tem de ser assim, com estas experiências amargas e desânimos de todos os dias, que as paredes se hão-de erguer.

Ninguém me deve nada. Não tenho títulos para exigir. A minha chapa de mendigo se é verdade que não estigma, também me não dá direitos.

Os obreiros do Evangelho caminharam sempre naquela Luz e vivem daquela verdade que vem do próprio Evangelho».

«Irei pedir. Porém, uma das grandes mágoas que eu guardo no meu peito é esta necessidade que o mundo se impõe. Não o sinto por minha causa, mas sim pela dos teus filhos e do teus netos.

Devia ser obra de todos, desde que está em jogo o interesse espiritual de todos. Sim, digo espiritual, porquanto os povos não valem pelo que têm, mas sim pelo que são».

Nesta altura em que estamos para ir pedir por essas praias e termas fazemos nossas as suas palavras e tu vais receber-nos de coração aberto.

VISTAS DE DENTRO

Em tempos eu falei aqui do magno problema dos gafos e das colheres e de como a gente procurava evitar que eles desaparecessem. Pois bem. «Tira-Olhos» tomou o caso muito a sério e não as perdoa seja a quem for. Há dias chego de fora. Três dias de ausência. Ansioso por saber como tudo correrá. O carro chega junto à garagem e a malta da Casa-Mãe desanda toda do seu lugar. Tanto faz três dias como três horas de ausência. É sempre assim. E «Tira-Olhos» nem me deixa sair do carro; dispara logo: «O Domingos partiu um garfo».

O chefe veio mais tarde dar contas do seu governo:

— Tudo bem?

— Tudo fixe!

Donde, o grande drama da minha ausência fôra o garfo que o Domingos partiu.

Louvores a Deus que não se ausenta da barca.

x x x

A Casa-Mãe foi sempre a casa dos maiores sarilhos. E eu, que passo nela a maior parte dos meus dias e tenho de me levantar mil vezes em cada um para meter na ordem os refilões, estou a par deles mais do que em nenhum outro lado.

Outro dia, era uma discussão no pátio do forno, ora conhecido pelo pátio do «Sediolos». Este é o padeiro e moleiro e quem no lava. A malta das batatas ia para lá descascar e acabada a empreitada da Senhora ia-se e era cascas e mais cascas no pátio do «Sediolos». Eu passo e protesto. «Sediolos» desculpa-se e proíbe descascadores de utilizarem o seu pátio.

Estes são muitos. Franganagem, mas muitos. Cá fora há sol e calor. Voltam-se ao «Sediolos» e aferroam-no. Este pega na pá do forno... e nem em Aljubarrota! São gritos de dor e de indignação. Uma confusão tremenda. Eu chego e quero saber. Custou-me a consegui-lo tal a abundância dos informadores. No fim apurou-se.

Cá fora há sol e calor. O pátio do «Sediolos» aquece-se muito bem. Ele deve emprestá-lo mas tem direito de o exigir arrumado no fim da função. Quem não cumprir, já sabe... «Sediolos» entra duro e que ninguém se queixe.

Ora aqui têm os senhores de quanta discussão é preciso para sair a luz.

x x x

Outro lugar muito célebre em acontecimentos é a Tipografia. Eu não sei como ela ainda não faliu com tantos «desfalques»! Ele são cartões de visita. Ele papel timbrado. Ele blocos de notas. Ele cartolina e papel de cor para forrar livros. Mas agora é mais o pior. É cartão para chapéus. Uma rodela pró alto da cabeça; uma tira em volta a dar altura; outra horizontal a fazer a aba — e temos nós um chapéu tipo «palhinha», que é o último grito da moda na aldeia. Eu já aprendi vários. Chamei o Júlio. Barreguei. Tomámos medidas de precaução e reforçou-se a fechadura do armazém do papel e do cartão.

Veremos quanto tempo dura a paz!

x x x

Acaba de chegar um bilhete do Júlio:

«Ainda agora foi práqui um reboliço. Vai-se a ver — ratos. Manuel Coco arranhou ratoeira. Escolheu ponto estratégico. As caçadas têm sido fartas. Até que agora caiu, na esparrela, a ratazana. Atrás dela, melhor, junto dela ratinhos pequeninos. Resulta:



Outro lugar muito célebre em acontecimentos é a Tipografia.

tado: mais curiosidade. Olhe, eu não os aturo!

Júlio.

Ora eis de como as folhas do «Doutrina» vão a menos, ou repetidas; e de como as facturas numeradas vão de trás para diante; e de como acontecem muitos outros acidentes. São os ratos e as ratoeiras. E se não, são as pombas, ou as abelhas, ou os bichos da seda.

Eu ponho aqui isto e é quase o descrédito para a nossa organização industrial... Mas tenho esperança que os senhores hão-de ganhar paciência como eu e continuarão com coragem para se

arriscarem. Porque sem ratos e coelhos e abelhas e patos e garnizés isto não era a Casa do Gaiato.

x x x

Só falta um mês. O Abel veio lembrar-me. E eu lembro aqui aos senhores que não há tempo a perder. Começos de Setembro o Abel faz 24 anos e nesse dia, se Deus quiser, será o seu casamento. Abel está noivo desde o últi-

mo domingo do ano passado, como creio que foi aqui contado. Tem-se preparado seriamente para o grande passo que o lança «no começo da vida», para usar de um pensamento tão profundo de outro dos nossos rapazes.

Depois irá para o Tojal, tomar conta da alfaiataria de lá. A casinha da Obra onde ele vai morar está pronta. Quando sair a notícia do seu casamento havemos de dá-la à estampa, para os leitores verem como é modesta e graciosa.

Agora falta o recheio. Ele apenas tem mobília de quarto e

— Continua na 3.ª página —

Campanha dos Cinquenta Mil

Entre a multidão de visitantes esteve cá uma senhora brasileira. Viu tudo. Pôs em dia 19 assinantes e trouxe uma lista de cinco novos com dinheirinho à frente.

A capital segue com outra, e «massa» adiantada. Os senhores vejam como Lisboa é um vulcão! O Porto que se acoutele...

Uma carta de Coimbra fala assim: «É com o maior prazer que a nossa «Republica» se inscreve como assinante do vosso jornal na Campanha dos 50.000. A assinatura deverá ser dirigida para «Real Republica 1.000-y-onários» — Coimbra, bastando só esse endereço». Eu não sei mas, pelo que se depreende, deve ser das mais importantes do mapa académico. Ora havendo outras que não dispõem o «Famôso», não é possível organizar uma frente comum para que todas recebam o nosso jornal? Dêem lá um jeitinho e incluam mais isto na praxe.

É a vez duma série de onze «prováveis». Não sabemos quem os indica. Os indicados, sim. Todos de Santa Comba Dão. Há entre eles, um sacerdote, um doutor, pessoas das mais diversas condições sociais. «A nenhuma destas pessoas falei — diz a carta — mas estou convencido que nenhuma recusará». Pode ser mas... é preciso falar. Ande lá, prezado amigo. Sem o recadinho, nada.

Na Companhia dos Diaman-

ACABA DE SAIR O LIVRO

«DOUTRINA»

Pedidos à Editorial

Tipografia da Casa do Gaiato

HAÇO DE SOUSA

Júlio Mendes

tes Angola, uma parte dos funcionários assina e lê «O Gaiato» com interesse. Como são muitos, um deles, o Sr. Rogério Afonso incumbiu-se do serviço de cobrança. Com tanto amor, com tanto método, que na altura própria aí vem a carta, o cheque, mai-lo rol do desobrigados. Porém, este senhor, deve «regressar à Metrópole dentro em breve» e não quer perder o trabalho. Lembra e muito bem que a gente recomende ao Rev. do Querubim Meireles «para passar a ocupar-se da cobrança». Eu acho que o Roque já escreveu a este senhor Padre amigo. Se não, aqui vai o recado. E tenha paciência. Mantenha o fogo. E caso ainda haja mais «achas» mande. A Campanha precisa de muitos assinantes. Viva o Sr. Rogério Afonso, viva o Sr. Padre Meireles, vivam todos os Funcionários da Diamang!

Fica muito por dizer! Paciência. O Daniel refila, o Sr. Padre Carlos idem, os cronistas nem se fala. É o espaço cada vez menor! Mas não podemos deixar de informar que, de entre outras terras, recebemos assinantes da Murtoza, Cação Cimeiro, Valongo, Viana do Castelo, Escalhão, Ruilhe, Barbacena, Boticas, Afife, Crolles (França), Carrazeda de Anciães, Dume, Minas Gerais (Brasil), Avelal (Satão), Tomar, Moura, Castelo Branco, Loriga, Miramar, Abrantes, Moçamedes, Rio Tinto, Entrecamento, não falando do Porto, nem de Lisboa, nem de Coimbra.

Um mundo de terras, um mundo de assinantes! Bendito seja o Senhor Deus de Israel!

O QUE NOS DÃO NO TOJAL

Fora do cristianismo o amor expressa sobretudo deficiências no ser humano. Este aspira naturalmente à plenitude da vida, cuja posse só obtém grangeando complemento externo a si próprio. Ama para ser feliz. Ora é o termo desse amor que o torna feliz. Neste clima o amor é um movimento de procura, do enriquecimento e satisfação de anseios e sinal evidente de pobreza.

Pelo contrário, no cristianismo o amor traduz riqueza. Até a maior alegria de quem o tem é transbordar a riqueza que possui. O amor cristão é amor que dá, que se coloca ao serviço dos outros, que se alegra por servir os outros, que é fruto duma grande opulência.

Por isso mesmo, só ele liberta o homem da sua miséria, das suas propensões para tudo quanto seja resultado da queda original, como são o egoísmo, soberba, as incertezas da vida.

Esta riqueza originária do amor cristão é inexgotável, porque de Deus advem. Ninguém pasme, portanto, ao deparar com

as mesmas parcelas repetidas há tantos anos nestas columnas. O amor cristão é água fluente que não seca, nem estagna, mas avoluma e faz torrente. Eis:

Os empregados da Mobil Oil portuguesa voltam com a alegria de sempre, e entregam prestações de 1.166\$ e 1.138\$00. Desta companhia 40 litros de gasolina vezes sem conta adquiridos mensalmente.

Da Caixa Previdência Transportes Automóveis parcelas de 30 e 36\$00. Os funcionários do Laboratório de Engenharia Civil de romagem ao Tojal, entregam 12 contos e meio para uma casa. Afirmam ser a primeira. Já têm portanto a segunda. Falta somente fazer a cobrança.

Este ano o verão chegou mais cedo e nós lucrámos com a antecipação. Têm vindo excursões a miúdo.

A primeira da quadra foi a das alunas da Escola Lusitânia, com 862\$. A mocidade contemporânea preocupa-se com problemas sociais. Por isso diremos que é esperançasosa.

Em seguida veio a Ajuda. Três autocarros. Dentro um mundo de gente e nas mãos outro de coisas. Enchem sacos, fardos e caixotes com todos os géneros de mercearia e apresentam-se. Como falta o sabão prometem regressar com ele. Selam tudo com 200\$00.

Quem me interrogasse as minhas

habituais subidas ao Montepio diria que vou enganado.

Roupas adquirem-se no Grandela, a dois passos. Mas engano-me proposadamente, e trago sempre embrulhos, porque sei de muitos que ali os depositam para nós. Na secretaria tomei nota dos amigos escondidos. O casal de Arroios com cem. Outro tanto duma Maria. Metade duma Alice. Mais parcelas de vinte, quarenta e uma de duzentos. Para o Calvário cinquenta, cem e duzentos. Para o Património dos Pobres cinquenta. Outra Maria com duzentos. Uma vilarealense com três mil. De A. M. C. V. trinta e cinco.

Voltamos a casa e não tardam visitantes com 500\$ e 100\$. Mais outros com 5 contos e meio. Não sei quem, nem como isto veio. Sabe-o Aquele que dá retribuição plena.

Da Shell Portuguesa 300\$00. Da Sonap 90\$00.

Um amigo do Padre Carlos entrega-nos pontualmente 50\$ mensais. Outro que é nosso e se esconde com 500\$00. De Nelas 200\$00. De Lisboa 50\$, 20\$ e pneus. A Nestlé permanece bem firme com 180\$ mensais. Mais visitantes com 780\$00 nas mãos do Carlos. Para o Calvário um parquinho de S. João de Deus deu-nos 500\$. Por uma graça recebida, também da capital uma nota de mil.

No L. de Jesus em Setúbal, esquecem-se que temos ali perto casa e enviam roupas para o Tojal.

Na Escola Josefa de Óbidos há vicentinas e consequentemente preocupação constante com o próximo. Nós gozamos a felicidade de sermos lembrados sobremaneira. Pois aqui veio dar uma nota de cem das alunas do segundo ano.

Para uma pobre de Monsanto 100\$ mensais. Com destino aos da nossa porta chegam duas notas de 50\$00. Para o Património dos mesmos uma telha no valor de 100\$. Mais confiança nos rapazes: um vem com 500\$00 duma senhora do C. Santos; outro com 100\$ duma igreja de Lisboa. Loures acorda com calçado e tecidos. É uma promessa este acordar.

Outra vez Lisboa: R. Cidade Cardif com 100\$; Av. Almirante Reis com outro tanto; R. Buenos Aires com três sacos de pão; a Brasileira com dois. No Lar pagam assinaturas, e entregam donativos de 50\$, de 20\$ e de 100\$00. Os «dois jovens quaisquer» apresentam-se com 300\$ e este bilhete: «Pedimos que nestes nove dias se lembre de nós pois estamos a fazer uma novena para a resolução do nosso casamento». Matrimónio abençoado por certo, pois não há nele egoísmo, antes amor sobre, porquanto durante largos meses se vêm encontrando em algo fora de si próprios — o próximo.

Prêgamos na igreja de Fátima de Lisboa e colhemos 19.125\$00. Em Tomar cinco mil escudos. Esperamos ir pelas praias e colher também. A nossa missão é a de pedinte que palmita montes e vales a estender a mão.

Padre Baptista

Agora

O nome, um bocadinho estranho, que Pai Américo deu a esta coluna — compreendo-o e estimo-o cada dia mais. «Agora» é uma palavra de acção e de presença. «Agora» é uma afirmação de consciências acordadas para os problemas da Justiça Social. «Agora» quer dizer oportunidade; que não há mais expectativa, nem mais hesitações; é o remédio aplicado e o princípio da cura.

Esta é a norma segundo a qual o povo aqui desfila. Quantos testemunhos dos que arrancam a si o que hoje lhes faz falta para dar «hoje», «dia» em que são tantos outros a precisar também.

Daí a nossa dor diante do contraste: Um masso de cartas há muito por resposta sobre a secretária. São páramos a dizer que as casas «chegaram ao telhado» e são horas de «aparecer». E eu não posso aparecer «agora», no momento oportuno em que eles se abalançariam a construir mais, mal estas acabadas... E no entanto a verba está lá, orçamentada desde o ano findo, perdendo o valor do «agora» nas malhas intrincáveis das repartições de burocracia...

Deus nos dê paciência para esperar por elas, a bem da Nação.

x x x

Como há muito tempo não aparecia esta «procição» é ela feita na maioria, por devotos que ganharam o gosto de repetir, não admira que vamos encontrar os mesmos duas e mais vezes.

Por gosto de repetir eu quero esclarecer que quem repete nunca se repete, pois de cada vez o acto da mesma espécie é um acto novo de amor. Uma vez mais ainda a força do «Agora»!

A abrir vêm os das ideias novas. Um «modesto transportador» manda 50\$00 e lembra que os «industriais de transportes em automóveis poderiam contribuir durante um ano (ou mais — digu eu) com 50 ou 100\$00 mensais. São muitos os agremiados e não lhes faria diferença a contribuição mensal... Depois deste, outros Grêmios se seguiriam e, com vontade, tudo se consegue. Eis um meio de «desenvolver uma campanha que daria aos «sem-lar» muito mais casas».

Outro relembra (pois já o fez de viva voz) «o convite a todas as pessoas para se associarem com um dia de trabalho para comemorar o 1.º aniversário do falecimento do sempre saudoso P.e Américo». E envia 100\$00, «que são fruto equivalente a um meu dia de trabalho».

Ora façam o favor de escutar estes alvites e de mandarem a vossa resposta.

Passam em seguida os que juntam no monte comum para uma casa com nome determinado:

Para a Casa dos Médicos, 500\$00, de Tété. A iniciadora da Casa de N. Senhora de Lourdes está um pouco «triste pelo fraco andamento» e pede que volte ao assunto «para que as Lourdes acordem». Ouçam todas e afinem pelo tom desta Lourdes, de Bragança. Para a Casa «Noivos de Portugal» 500\$00 de «uma Esposa e Filha» que não perdeu um centil desta qualidade para ser exemplar naquela. Deus a ajude e lhe pague a linda carta, que acompanhava mais devotivos. E feliz daquele Esposo! E feliz daquela Mãe!

Uma Fernanda envia a 1.ª pedra para a Casa de Nossa Senhora do Carmo. «Todos sabemos que foi nesse dia que Pai Américo foi para Deus. Eu gostava que se fizesse uma casa com aquele nome e, como posso pouco, mando a 1.ª pedra e peça no seu jor-

nal a todos a quem o dia 16 lembre alguma coisa». Aqui estou cumprindo.

Vêm a chegar a classe dos trabalhadores. Tudo, ou quase tudo, caras conhecidas. Eles são os primeiros a perder o conto, de tantas e tantas vezes que aqui têm vindo. Tanto melhor para eles..., que Deus não perde o conto!

É o Pessoal dos C.T.T. da Estação Central do Porto com 1.128\$00 e mais caixa-mealheiro da Estação da Batalha com 239\$70. O Pessoal da HICA duas vezes, com 1.906\$30 e 1.963\$90. O do Grémio de Panificação do Porto, outras duas com 204\$50 e 202\$00. Mais 192\$50 da subscrição no Bairro Costa Cabral e 285\$00 do Pessoal do Banco de Angola e 217\$20 do Pessoal da «Tranquilidade», excedente duma casa já entregue no Carvalhido.

Seguem os avulsos. Não é que muitos não sejam também habituais aqui, porém não vêm em corporação. Cinqüenta de Joana, 120\$00 de Odiáxere. 40\$ de dois estudantes, 20 e 20 não sei de quem; outra vez dois vintes do «do tabaco a menos durante o mês findo», e 25 de Guimarães, «1.º produto dum mealheiro da Senhora da Oliveira (como os próprios leitores e amigos metem N. Senhora na nossa vida! Que bom!); 100\$00, «rogando a Deus e ao Pai Américo que me deia saúde e trabalho para poder criar as minhas filhas e auxiliar os pobres». É de um maquinista dos Guindastes do Porto da Beira. E 500\$ de promessa, do Porto. E 1.500\$ da Maria Amélia E «um chequezito» com uma carta que é um hino para «O Gaiato» e sua doutrina, que é a do Evangelho.

Dobram a curva os da casa por inteiro. São os da casa «Em cumprimento de um voto — Um casal de Licenciados — Luanda, 1956» e «A Casa de uma Luísa» e 12 contos duma firma amiga com quem transacciona

frutos da árvore boa que semearam!

Da Beira, a «Casa João Alberto Garrido, pelo seu sofrimento», «Quem lhe escreve é aquela mãe infeliz, que há sete meses lhe disse que tinha falecido o seu único e adorado filho de 24 anos e que as últimas palavras que ele deu foi: para os paizinhos fazerem uma casa aos pobres do Pai Américo». Testamentos de sangue. Ó riqueza nossa!

Mais outra casa, a qual, «se tiver de haver um nome, seja Manuel». E fecha este grupo das casas por inteiro um punhado de ex-alunas e professores e a Direcção do Colégio Moderno, do Porto, com 13.600\$ «comemorando o dia em que o Pai Américo foi chamado pelo Pai do Céu, para junto dEle receber a recompensa do enorme bem que fez a desamparados e descrentes».

E o último pendão surge na precisão de hoje. É o das casas a prestações, como a gente lhes chama.

À frente, o Pessoal do Ministério das Corporações com mais 2.900\$00 que perfazem até ao momento os 7.000\$00. A Casa da «Belarte» fica em 7.500\$, com esta bolada de 1.000\$. A 2.ª prestação de cem para a Casa «Lar de Nazaré» e a última de mil da Alda, da Beira. «Uma Mãe aflita» junta a 2.ª metade. Outra que termina, com 600 e 900. É a da «Casa da Avó», «M», de Nova Lisboa, manda a 5.ª, 6.ª, 7.ª e 8.ª prestações de mil angolares cada. Olhe, que os angolares aqui ficam reduzidos a 94%. Já lá vai o tempo do escudo de lá pelo de cá! M.M. — A.L. avançam dois degraus — o 7.º e 8.º — de mil cada.

A 13.ª e 14.ª pedras da Casa «A minha Noiva». Só faltam 5.000\$. Outras duas vezes «o do plano decenal»: 100+100. E três remessas para a «Casa do António e do Fernando», 500\$, 5.ª prestação para o «Lar de S. José», «Casa Candidinha e seu pessoal»



S. Jacinto — Aveiro: Um bloco pronto; outro a subir.

a nossa Tipografia e que já não é a primeira vez a aparecer. As alunas do Liceu Rainha Santa Isabel voltam com a 2.ª casa e têm desejos de sete, tantas quantos os anos do liceu. Gostavam que ficassem todas juntas. Vamos a ver se ao menos as agrupamos por ciclos. De Lisboa a «Casa de S. Francisco Xavier». A doadora gostava que fosse na diocese de Bragança. Se há por lá gente pronta a trabalhar que levante o dedo. A Colónia Portuguesa de Belo Horizonte entregou à nossa amiga D. Geny Costa 12.500\$ para a sua casa.

Vem o Pessoal do Banco Nacional Ultramarino no Porto com a «Casa do Doutor António Pedroso Pimenta», feita com 2% dos ordenados. O segredo de muitos problemas está em saber dividi-los em migalhas. A Comissão de Beneficência do mesmo Banco em Lisboa envia outra casa. Agora falta que os empregados de Lisboa sigam as pisadas dos colegas do Porto e venham também em sufrágio com os seus 2%. Teríamos facilmente mais de uma casa, com certeza...

Uma intenção piedosa, igual a esta, traz-nos os Empregados das Minas de S. Pedro da Cova com a «Casa de S.º António, «em memória do nosso chefe e amigo Luís dos Santos Monteiro, chamado por Deus em 13 de Maio pp.». Felizes dos chefes que souberam ser amigos. Agora lhe encontram os



Casa dos Freqüentadores do Café Chave d'Ouro — Porto.

entregou 800\$ nos últimos dois meses. Prá «casa das Noelistas» mais 221\$00. Mais 100\$00 da Helena e dez vezes mais, «segunda prestação das doze que ambiciono», de Zé Ninguém. Quem dera ao mundo muitos destes ambiciosos. Teríamos de verdade um Mundo Melhor!

Mais «duas pedras para uma casa «M» — e havemos, querendo Deus,

de falar desta e doutra «M.S.» de que já foram em tempo as 12 pedras». E «2.000\$00 para juntar aos 10.000\$ que comeci a enviar em Dezembro de 1955». A casa chamar-se-á de «Nossa Senhora das Graças».

E os senhores desculpem por ser tão longo, mas «Agora» é a voz do Povo quando amor no serviço dos Irmãos. Não podemos calá-la.

Chales de Ordins

Não admira que estas colunas não sejam muito longas. É tempo de praias. Cada um pensa em si. No inverno, se muitos vêm aos chales, não é pelas pobres mulheres que os confeccionam. É para fugirem ao frio. De novo, cada um pensa em si. Os outros ficam relegados para um plano tão longínquo, que acabam por ficar no esquecimento. Mas nem todos ainda foram veranear. Há sempre almas que nunca dão férias à caridade. Assim das Caldas da Rainha, uma vicentina vem por um, como tantas outras vezes, desejosa de mais e melhor. Lisboa quer cobrir «uma criança que está para sair da maternidade e não tem nada em que a envolvam». Pobre mãe!

Até agora, tem guardado silêncio a nossa Colónia portuguesa, no Brasil. A rua dos Caetés, em Belo Horizonte, veio revelar mais amplos horizontes aos nossos chales. Como as Provincias Ultramarinas Portuguesas, assim a terra de Vera Cruz se lembra da família no Continente com um chale. Vamos a ver se o Brasil e os E. U. da América do Norte acordam. Alguém de Escalhão veio até ao Porto e não foi sem nos escrever: «recebi ontem o seu chalinho e fiquei satisfeítíssima»; e na sua terra natal promette mostrá-lo a todos. Do hospital de Cantanhede, uma religiosa vem por mais um, como tantas outras vezes.

De Macedo do Peso, recebemos um grito: «Desta vez é um branquinho é o quinto». O centro n.º 2 da M. P. F. de Lisboa vem com a mesma alegria: «conhece-os já e, porque muito me agradaram, peço o favor do seu envio». Era uma dúzia dos pequenos, com um vale de mil. Como este centro, quantos não poderiam, deste modo, beneficiar as suas «crianças pobres protegidas».

Abrantes é um exemplo: a sua encomenda há-de estar, dentro de seus muros, antes de 19 de Outubro. Assim pede, tão previdentemente. Ora se todos assim fizessem, antes de partirem para as praias e terras e campo e estrangeiro, Ordins teria pão para os seus filhos. Doutra modo, no inverno, ninguém se entenderá. Ora vamos a ver se os senhores marcam já presença, com data de entrega a longo prazo, como Abrantes.

Segue, por fim, um professor de Montejunto, esperando que os seus colegas, após os exames, se voltem para Ordins.

x x x

Ninguém pergunte como foi o concurso dos jardins das tecedeiras, ao terminar de Junho. Casas lavadinhas e com flores. As camas com colchas de festa. As crianças, as flores mais belas, esperando, lavadas, as senhoras. Cada tecedeira a explicar, a mostrar sua pena do concurso não ter sido em Maio. Outras, a dizer que, se fosse um pouco mais adiante... Num jardim, havia um regador, no cimo dum damasqueiro, donde partia um cano para um repuxo improvisado. Noutro, ruelas

cobertas de magnífico barro branco, trazido pacientemente de longe.

Deve aqui dizer-se que o primeiro e o terceiro prémios, dos cinco atribuídos, caíram em casas do Património dos Pobres, onde vivem tecedeiras. Foi um total de 300\$ e uma esperança de se fazer mais e melhor por Ordins.

Padre Aires

Vistas de Dentro

— Continuação da 2.ª página —

de jantar e alguma roupa. O resto — qualquer dona de casa sabe o que é indispensável num lar que principia. É daqui a um mês! Não há tempo a perder!

x x x

Outro ponto muito controvertido na vida pacífica deste pequeno mundo é o ofício de sacristão. Ele há uma turma deles, cada um sua semana, mas era prá aí um sarabulho sempre, cada segunda-feira, porque «não sou eu, é fulano», «não sou nada, é cicrano»... e às vezes as coisas azedavam-se.

Ora eu andava de fora de tudo isto. Só às vezes sentia os efeitos na manhã da mudança porque não se tendo chegado a uma conclusão, eu ia para celebrar e nem paramentos, nem altar preparado, nem nada.

Ora Sandim, que é tipógrafo, achou que assim não era bem e tomou medidas. Foi-se à máquina de escrever e escreveu:

«Sandim, Jorge, Ramada, Cipriano, Zé Bolas, Lampreia.

N. B. — O Sacristão entra na sua semana e ajuda: Seg. Terça, Quarta, Quinta, Sexta, Sábado e Domingo, e põe os paramentos no Domingo à noite.

NADA-DE DISCUTIR».

Ora desde então não me chegaram rumores de mais discussões, nem eu tornei a ter razões de queixa. Sandim, Jorge, Ramada, Cipriano, Zé Bolas, Lampreia, cada qual na sua semana, trata do seu dever e acabou-se.

Que melhor legenda em Obra deles, por eles, para eles?

Viva o Sandim!

Casas para Trabalhadores

É possível que a maioria das famílias possuam uma casa assim.



Se para viver não é necessário um palácio, torna-se, no entanto, indispensável possuir uma casa que ofereça um mínimo de condições. Há meia hora, lemos esta notícia: Bruxelas, 1 — De acordo com as condições a que chegaram as autoridades belgas, depois de um estudo efectuado pelo Instituto Nacional da Habitação, de criação recente, sobre o problema dos alojamentos 200 mil dos 3 milhões de habitações belgas são barracas insalubres que devem ser demolidas e substituídas por novas construções... O mesmo organismo sublinha o facto de a maior percentagem dos delinquentes juvenis da Bélgica habitarem em barracas, 44,2% de rapazes e 49,5% de raparigas.

Havemos de tentar remediar os males nas causas, nas ocasiões. A ocasião faz o ladrão diz o povo e observamos nós. Promovemos a construção de casa totalmente independentes. Dizem-nos que ficam mais caras. Não discutimos, muito embora a diferença não seja tão grande como parece. Bem

Exames

Caros leitores, é a primeira vez que escrevo para o jornal «O Gaiato» falando dos exames da quarta classe. Ficámos todos bem. Desculpem-se por alguma frase que não concorde com o pensamento. Fizemos em Penafiel uma figura como outra qualquer; no entanto falo no filho da senhora professora que espantou os professores com a sua sabedoria. Os Gaiatos como sempre nunca deram provas de espertalhões, dizia muitas vezes a senhora D. Cecília. Este ano foram bem habilitados e por isso não admira que os mestres perguntavam coisas históricas muito simples. Na prova escrita o ditado foi bom, a redacção era um facto histórico à nossa escola. Quando viemos embora encaminhamo-nos ao escritório do senhor P. e Carlos sem esconder o nosso sorriso contente e bem disposto. Alguns trataram logo de pedir dinheiro como era costume nos outros anos. Não falo em nenhum gaiato para não o gabar.

Na prova oral foi tudo muito bem. Ai é que nos interessava saber porque já tinha acabado a luta. Na prova escrita tivemos o dia por nossa conta, na oral na mesma. Como a minha crónica vai muito simples peço mais uma vez que façam o favor de desculparem as minhas faltas. Desejo-lhes muita saúde e até à próxima vez que volte a escrever, se Deus quiser.

António de Azevedo

é impossível mas, se bem compreendemos estes graves problemas humanos, as cidades não devem ser tão grandes como são e as casas residenciais duma boa parte da sua população deveriam ser construídas a distância. Conforme vive a grande maioria das famílias nas grandes cidades não é possível haver saúde. Não há tratamentos, vacinas, repouso, praias que, de longe, substituem uma casa airosa, própria, independente. Quatro ou, ao menos, três quartos independentes e amplos, uma cozinha, uma sala, uma dispensa e um quarto de banho. Algumas árvores à volta darão um ambiente de paz, de recolhimento. As flores farão boa companhia a ricos, remediados ou sabemos que nas cidades isto

pobres. A água tem de ser abundante e baratíssima para todos.

— É impossível que a maioria possua casas assim.

— Discordamos, em absoluto desta afirmação comodista, fatalista e anti-cristã.

É perfeitamente possível que a grande maioria, — para não dizer a quase totalidade — das famílias possuam uma casa assim. Mas para isso exigem-se duas condições que deverão existir ao mesmo tempo.

1.º — Mais trabalho e mais generosidade dos ricos.

2.º — Mais trabalho e mais economia dos pobres.

Outros caminhos são mais fáceis — ou melhores, mais tentadores — mas não dão nada.

Padre Fonseca

Crónica de Miranda do Corvo

No dia 16, dia do aniversário da morte de Pai Américo, e dia de festa de Nossa Senhora do Carmo, nós também estivemos em união com Cristo, e com toda a obra da Rua celebrando o aniversário da morte do nosso saudoso Pai Américo, havendo missa cantada, e comunhão geral.

Dizia eu aniversário da morte: aniversário mas é de vida visto que Pai Américo não saiu de junto de nós: até pelo contrário, porque Pai Américo está mais junto de Deus nosso Pai todo Poderoso, a contemplá-lo de face a face, pedindo mais perto, por toda a obra da Rua, e por todas as crianças abandonadas. E nós acreditamos nesta grande verdade.

Também no dia 20 deste mês fomos fazer o nosso Retiro anual, ao Santuário de Nossa Senhora da Piedade de Tábuas. Vieram rapazes do Lar de Coimbra, que afinal são da mesma família, da Casa do Gaiato de Setúbal e do Tojal, trazendo o Crisanto a furgoneta cheia.

Daqui fomos os maiores com mais de 15 anos. Ao todo eram 40 rapazes. O Retiro começou no fim do jantar, isto é, às 20 horas, até ao dia 22 às 18 horas — hora da Santa Missa vespertina e comunhão geral.

Nós passando aqueles três dias de silêncio, afim de pensarmos mais na nossa vida espiritual, para assim a corrigirmos e entrarmos mais de perto no bom caminho de Deus nosso Pai. Eu, creio que todos nós aproveitámos, fazendo cada um o seu propósito de emenda. Pelo menos saímos de lá maravilhados com as coisas que ouvimos. Foi nosso pregador o reverendíssimo senhor Padre Joaquim Fátela que se deslocou propositadamente de Beja onde está na Casa Pia. A ele agradecemos muito por o grande favor que nos veio fazer.

As nossas obras. Acabamos agora de arranjar a entrada da nossa Casa, visto a que estava não estar em

condições. Juntamente, ao fundo da nossa ladeira, à beira da estrada, fizemos umas alminhas dedicadas ao aniversário da Morte de Pai Américo; tendo um painel de azulejo, de Nossa Senhora do Carmo, lembrando-nos que foi neste dia que Pai Américo morreu. Como ia a dizer: as nossas alminhas são uma atracção de toda a gente que ali passa tendo muitas pessoas deixado lá dinheiro. Esperamos que Sua Ex.cia Reverendíssima o Sur. Bispo as venha benzer.

Joaquim Alberto (Nelas)

Tribuna de Coimbra

Continuação da página UM

E passamos a dar testemunho do que nos chegou: um cheque de mil dum doente no Caramulo; cem na igreja nova de S. José e mais cinquenta na sacristia e mais trezentos em casa ali perto; cinquenta para o Património; cem em carta a um vendedor; dez alqueires de milho de um vizinho de Miranda; 120\$ no Castelo e mais duzentos das duas amiguinhas de sempre; dois embrulhos de prego de Coimbra.

Muitas notas em Santa Cruz no fim da Missa do aniversário de Pai Américo; mais 10\$ no Castelo; vinte dum antigo colega; cinquenta na rua em Coimbra; mil da Queima das Fitas de 1955-56.

Padre Horácio

(Espaço para endereço)

AVENÇA — QUINZENÁRIO

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Explosão de Generosidade:

O grito de dor daquela mãe amargurada, mais pelo sofrimento dos filhos que pelo seu, foi uma chispa que incendiou corações. Por isso o correio tem sido portador de cartas tão lindas, tão formosas!

Oh mundo!, põe aqui os teus olhos e lê:

«Acabo de ler «O Gaiato» de 6 de Julho. A notícia que mais me comoveu foi aquela pobre mãe que ficou viúva com filhinhos e tuberculosa, coitadinha! Não é só de alimento que ela precisa é também de muito repouso e sem arrelhas, mas como? se as tem e de toda a sorte.

Inclusos lhe envio cem escudos para frutos, digo, fruta porque alimenta, dá apetite e não dá trabalho a preparar, que ela não pode nem deve fazer nada.

Peço que não use o nome que vai no vales.

Que elegância de alma! Nas palavras, nos conselhos, no anonimato — em tudo.

«Junto um vale de 35\$00 para fazer o favor de entregar o dinheiro a essa infeliz Mãe que fala neste artigo do nosso querido «Famoso». Peço por Deus uma oraçãozinha por alma de uma pessoa querida.

De uma Mãe que muito mais queria mandar se pudesse.

Deu do que tinha. Talvez do que lhe faz falta. Mas a Caridade é assim.

«Com a presente venho remeter um vale de Esc. 20\$00, que se destina a minorar, embora seja uma pequena quantia, mas que do coração é dada, a desgraça daquela pobre mãe tuberculosa que vem indicada no último «Famoso» e que constantemente exclama «Que será dos meus filhos» esquecendo o seu próprio e imenso sofrimento».

Em todas as cartas o mesmo sentir, o mesmo amor. Felizes o que sabem dar. Esses dão, sempre, de coração.

Vamos ser breve que isto não pode alongar-se. Está presente a assinante 32.992, com 40\$00. Mais «Uma Amiguinha», nossa conhecida, com o mesmo. Mas esta carta sem data, nem terra, nem nome:

«De uma assinante do Gaiato que mora no Porto envia 20\$00 em sufrágio da alma do Bom Pai Américo, para a pobre da Conferência que diz, o «que há-de ser de meus filhos!»

E pronto, eis a última:

«Envio 100\$00 Esc. para aquela pobre viúva, tuberculosa e seus filhinhos para a ajudar a comer «mais e melhor»

Seria muito do meu agrado dar-lhe esse gosto no dia 16, 3.ª feira, para comemorar o primeiro aniversário do falecimento do Pai Américo.

A melhor saúde para todos os nossos irmãos Gaiatos e recomendo não esquecer o meu pedido. No dia 16».

Que dizer mais? Só isto: Bendito seja Deus.

O QUE RECEBEMOS: Vem lá agora, a precisão do costume. Desta vez um nadinha maior. Por duas razões: a primeira, por não ter sido possível dar contos no último Famoso; a segunda, por um despertar de generosidade.

Assinante 23.338, 28\$00. Senhora A. F., 31\$20. Manuel C. Rodrigues,

480\$00. Helena C. Alves, 50\$00. Assinante 27.886, 10\$00. Cândida Ramos, 50\$00. Assinante, 26.169, 30\$00. Assinante 15.515, 50\$00. De Vila Pery «100\$00 para cumprimento de uma promessa feita por um filho». De Elvas 20\$00 «para um velhinho». António J. Vieira, 30\$00. De Tomar, 80\$00 duma Casa Bancária. De Romeu, 50\$00 «em cumprimento de uma promessa pelo bom êxito do nascimento de um filho cujo parto decorreu normalmente». Graças a Deus! António M. Barbosa, 20\$00. Igual quantia do assinante 27.921. Outros 20\$00 do n.º 829 e o mesmo de A. Q. S. Dum nosso Amigo, muito amigo, 450\$00. Uma Vicentina de Carracedo 50\$00 e uma visita ao nosso escritório. Muito obrigado. Mais 10\$00 dum assinante do Porto, cujo número não percebemos. Idem do n.º 7.758. Outra vez idem do n.º 19.098. Das Caldas da Rainha 50\$00 de quem a gente conhece pela letra. Ezequiel Pinto, 60\$00 de 6 meses de cotas. O ano está remido! Um assinante de Lamego, 50\$00. Mais Valadares com 20\$00. Mais Porto com 50\$00, de António Girão. Mais Tomar com 30\$00 de Amândio Murta. Mais 20\$00 de Geny Costa. Metade de Teixoso. Aveiro 100\$00, duma senhora muito nossa amiga. Mais Lourenço Marques cem deles, de 200\$00 que vieram. Os outros 100\$00 foram pró Porto. Mais a assinante 30.789 com 70\$00. Quinzentos de um visitante, 300\$00 da Fundação Gulbenkian, por intermédio do Cons. Central das Conferências. rências. 20\$00 «por alma dos pais e irmã» da assinante 7.604. Igual quantia do n.º 13.038. Da Conferência do Ameal que veio em peso visitar-nos, o mesmo. Senhora R. C. de Castellos 200\$ de 4 meses: Julho, Agosto, Setembro e Outubro. Mais 20\$00 de Leopoldino Pereira. Outros da assinante 8.978. Ainda outros do n.º 12.269. O dobro de Famacião. E 10\$ dum anónimo.

Júlia Mendes

UM GRAVADOR

Nós precisamos dele. Se não precisássemos não tinha coragem de o pedir. Se o tivermos mais cedo, quantas recordações de Pai Américo não podíamos ter guardado e agora ir escutando uma e outra e outra vez!

Eu não digo a marca que preferíamos. Serve um de qualquer marca. Não importa que seja dos maiores, mas era bom que tivesse lugar para duas bobines.

Se fores à loja e disseses ao ouvido do dono dela por mor do que lá vais e mandares entregar, silenciosamente, ignoradamente — ganhas de dois modos: nem ele te deixará oferecer sozinho; e Deus é quem te dará a paga, já que nós, por não sabermos mais, só a Ele poderemos agradecer.